



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Qualidade de vida e qualidade relacional: O contributo dos rituais familiares e da identificação familiar

Carla Sofia Carvalho dos Santos (e-mail: carla.s.carvalhosantos@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Subárea de especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas da Saúde, sob a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Canavarro e da Professora Doutora Carla Crespo

Qualidade de vida e qualidade relacional: O contributo dos rituais familiares e da identificação familiar

O estudo do papel de variáveis familiares na adaptação individual e conjugal tem vindo a despertar cada vez mais interesse na comunidade científica. Os objectivos do presente estudo foram examinar a influência directa e indirecta, através da identificação familiar, do significado dos rituais familiares na qualidade de vida e na qualidade relacional. A amostra foi constituída por 306 indivíduos adultos (55.2% do sexo feminino e 44.8% do sexo masculino), casados ou em união de facto. Todos preencheram questionários de auto-resposta que pretendiam avaliar o significado dos rituais familiares, a identificação familiar, a qualidade de vida e a percepção da qualidade relacional percebida. Os resultados mostraram que maior significado associado aos rituais familiares estava relacionado com melhor qualidade de vida e níveis superiores de percepção de qualidade relacional. Foi ainda demonstrado que a identificação familiar mediava a relação entre o significado dos rituais familiares e as variáveis de adaptação individual e conjugal. Assim, um maior significado dos rituais familiares estava associado a melhor qualidade de vida e qualidade relacional através de uma percepção mais positiva de identificação com o grupo familiar. Estes resultados foram válidos tanto para homens como para mulheres, sendo que os efeitos indirectos do significado dos rituais familiares na qualidade de vida foram apenas marginalmente significativos. Os contributos deste estudo revelam-se importantes para a investigação e prática clínica com indivíduos e famílias dado que indicam que variáveis familiares, como os rituais familiares e a identificação familiar, constituem um recurso importante na promoção da adaptação individual e conjugal.

Palavras-chave: rituais familiares, identificação familiar, qualidade de vida, qualidade relacional.

Quality of life and relational quality: The contribute of family rituals and family identification

Recently, the role of family variables in individual and couple adaptation has been increasingly studied. The main goals of this cross-sectional study were to examine the influence of family ritual meaning on quality of life and relational quality, directly and indirectly through family identification. Participants were 306 Portuguese adults (55.2% females and 44.8% males) married or in cohabitation. In order to assess family ritual meaning, family identification, quality of life and relational quality, the participants completed self-report questionnaires. Results showed that higher family ritual meaning was associated with better quality of life and relational quality. Moreover, these links were found to be mediated by family identification for both men and women. However, the indirect effects of family ritual meaning on quality of life via family identification were only marginally significant. The results of this study are important for both research and intervention with individuals and families, since they show that family ritual meaning and family identification are an important resource in promoting individual adaptation and relationship quality.

Key words: family rituals, family identification, quality of life, relationship quality.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Cristina Canavarro, pela oportunidade de integrar a sua equipa, pela orientação, pelo rigor e exigência.

À Doutora Carla Crespo, pela orientação presente, pela compreensão, pela ajuda incansável e incentivos.

À Doutora Ana Fonseca, à Doutora Barbara Nazaré, à Doutora Helena Moreira, ao Doutor Marco Pereira e à Doutora Mariana Moura Ramos, pelos conhecimentos partilhados e disponibilidade.

A todos aqueles que aceitaram livremente despende o seu tempo e participar neste estudo, sem eles não seria possível. Um muito obrigada também às escolas que tão bem nos receberam.

Às minhas colegas de caminhada, Sara, Cláudia e Ana. Principalmente à Ana pela presença constante, pelo apoio, partilha de dúvidas e angústias. E à Cláudia por ter partilhado este percurso comigo, pela amizade.

A todos os meus amigos por serem o melhor presente que a vida me dá diariamente. Especialmente: aos de sempre, Vanessa, Christian, Mafalda e Marisa, pela compreensão, apoio, carinho, palavras de incentivo nas horas mais difíceis, por continuarem presentes; aos de Coimbra e para sempre, Jorge, Catarina, Diana, Filipa, Ana, João e Vanessa, pela partilha de momentos, de alegrias, desabafos, pela amizade, por me terem acolhido tão bem nesta cidade que não é minha mas é agora nossa, levo-vos comigo para a vida.

Ao Eduardo, pelos momentos de alívio, pelos sorrisos, pela cumplicidade, por tanto e, sobretudo, por teres estado sempre lá.

Ao meu Irmão, pela felicidade de uma vida partilhada, por acreditares em mim, pelo orgulho que sinto e me fazes sentir só com um olhar, porque és o melhor que a vida me deu. Ao meu Pai, pela protecção e por torceres por mim sempre na primeira fila. A toda a minha família, pelo apoio, de uma forma ou de outra e à sua maneira. Por último, porque nunca saberei como lhe agradecer, à minha Mãe. Obrigada pelo esforço, dedicação e por seres a pessoa que mais confia em mim. O teu contributo começou há 23 anos, sem interrupções. Sem ti não saberia o que é amor incondicional e nada disto seria possível.

Índice

Introdução	1
Enquadramento Conceptual	2
Rituais Familiares	2
Identificação Familiar	4
Qualidade de Vida	5
Qualidade Relacional	6
O presente estudo	8
Método	9
Participantes	9
Procedimento	9
Instrumentos	10
Resultados	12
Análises Descritivas e Correlações	12
Análises de mediação	14
Discussão	18
A Relação entre o Significado dos Rituais Familiares e a Identificação Familiar	18
Identificação Familiar: Associações com a QdV e Qualidade Relacional	19
O Significado dos Rituais Familiares e QdV e Qualidade Relacional: O papel mediador da Identificação Familiar	20
Limitações e Directrizes Futuras	22
Conclusão	23
Referências	26

Índice de Quadros

Quadro 1.

Estatísticas Descritivas e Matriz de Intercorrelações entre as Variáveis para o
Sexo Feminino 13

Quadro 2.

Estatísticas Descritivas e Matriz de Intercorrelações entre as Variáveis para o
Sexo Masculino 14

Índice de Figuras

Figura 1.

Modelo dos efeitos mediadores da identificação familiar na relação entre rituais familiares e QdV na amostra do sexo feminino. 15

Figura 2.

Modelo dos efeitos mediadores da identificação familiar na relação entre rituais familiares e qualidade relacional na amostra do sexo feminino. 16

Figura 3.

Modelo dos efeitos mediadores da identificação familiar na relação entre rituais familiares e QdV na amostra do sexo masculino. 17

Figura 4.

Modelo dos efeitos mediadores da identificação familiar na relação entre rituais familiares e qualidade relacional na amostra do sexo masculino. 17

Lista de Abreviaturas

WHO – World Health Organization

QdV – Qualidade de Vida

IUIF – Item Único de Identificação Familiar

Introdução

A vida em grupo é uma dimensão central no desenvolvimento do ser humano; nasce em grupos particulares, como a família, e continua a afiliar-se a outros grupos durante toda a sua existência (Sani, Herrera, Wakefield & Khan, s.d.).

As definições de família são vastas, contudo, do ponto de vista da Psicologia, pode ser definida como um grupo de indivíduos que partilham um vínculo emocional e estão ainda interligados cognitivamente e comportamentalmente, independentemente da localização geográfica dos seus membros (Crosbie-Burnette & Klein, 2009). As famílias consideradas funcionais, além de cumprirem outras funções, são capazes de fornecer um contexto favorável à satisfação das necessidades emocionais de pertença, de afiliação e sentimentos de valorização do ser humano (Crosbie-Burnette & Klein, 2009). De acordo com Fiese e Winter (2009), a forma como uma família interage enquanto grupo fornece uma visão privilegiada acerca dos seus valores, processos de tomada de decisão e de regulação emocional. Nestas interações, a família é também constructora de rituais, eventos simbólicos que ocorrem na vida das famílias e aos quais são atribuídos significados especiais, constituindo oportunidades para consolidar e fortalecer vínculos (Fiese & Winter, 2009; Imber-Black, 2002). Todas as famílias criam, alteram e preservam os seus próprios rituais (Imber-Black, 2002). Cada família pode ter a sua própria definição de rituais, podendo incluir como rituais as mais variadas situações, sendo que esta singularidade contribui para fomentar o sentido de pertença ao grupo familiar, constituindo os rituais familiares pilares fundamentais na construção da identidade familiar (Fiese, Hooker, Kotary, & Schwagler, 1993; Fiese & Winter, 2009).

Assim, os rituais familiares têm sido descritos na literatura como estando relacionados com *outcomes* positivos quer para as famílias, quer para os seus membros individualmente (Fiese, 2006). Todavia, os mecanismos através dos quais estas relações acontecem ainda não estão identificados. Para além da promoção da coesão (Crespo, Santos, Canavarro, Kiełpikoswoski, Pryor, & Féres-Carneiro, 2013) pouco se sabe sobre a influência dos rituais familiares em variáveis do contexto familiar de relevo para a adaptação individual. Deste modo, o presente estudo pretende

examinar os processos através dos quais os rituais familiares podem influenciar (identificação familiar) os *outcomes* individuais positivos (qualidade de vida e qualidade relacional).

Enquadramento Conceptual

Rituais Familiares

Os rituais familiares têm sido um alvo de interesse de investigação no âmbito da Psicologia da Família, pois permitem obter informação acerca da vida familiar, aceder aos significados da família enquanto grupo e à intersecção entre factores individuais e familiares (Fiese, et al., 2002; Haugland, 2005).

Tratam-se de eventos especiais onde se desenrolam interações familiares específicas e esperadas (Fiese, 2006). De acordo com a formulação de Wolin e Bennett (1984), existem três tipos de rituais: celebrações familiares, como o Natal, casamentos, baptismos ou funerais; tradições familiares que são únicas em cada família, tais como aniversários e férias, e interações padrão que dizem respeito à vida quotidiana da família, como a hora de jantar e de deitar (Wolin & Bennet, 1984). Os rituais são ainda descritos como actos co-desenvolvidos pela família, que envolvem um significado simbólico partilhado pelos seus membros, que só estes podem compreender totalmente (Roberts, 1988). Assim, uma das funções dos rituais familiares é estabelecer, para os membros da família, a compreensão do que significa pertencer àquele grupo (Crespo, 2007; Fiese et al., 2002; Fiese, 2007; Spagnola, & Fiese, 2007). Outras funções dos rituais incluem a transmissão de valores, a clarificação do desempenho de papéis pelos diferentes membros da família e a estimulação da comunicação e interações positivas entre estes. Fornecem ainda importantes oportunidades de expressão, aprendizagem e regulação de emoções, funcionando como mecanismos de regulação emocional (Crespo, 2007). Além disso, os rituais familiares proporcionam um sentido de estabilidade que pode ser importante nas respostas, da família enquanto grupo e dos seus membros individuais, a acontecimentos indutores de *stress* (Crespo, 2007; Doherty, 2000; Fiese, et al., 1993; Fiese et al., 2002; Spagnola & Fiese, 2007; Ruiz, 2005). Por outro lado, e complementarmente, os rituais familiares são sinónimo de bem-estar

familiar, como se fossem uma manifestação, na prática, de um pré-existente bom funcionamento da família (Fiese et al., 2002; Fiese, 2006).

A realização dos rituais transcende o momento presente e pode incluir elementos que se repetem através de várias gerações, o que fornece uma continuidade intergeracional (Fiese, Foley, & Spagnola, 2006; Fiese, 2007; Spagnola & Fiese, 2007). Deste modo, através do seu simbolismo e da sua natureza repetitiva, conferem uma sensação de estabilidade do grupo e contribuem para o estabelecimento do sentido da família como um todo, isto é, da identidade familiar (Fiese, 2006; Wolin & Bennet, 1984). Ao incluírem as representações, significados e crenças comuns partilhadas pelos elementos da família, os rituais familiares conferem um sentido de pertença, que permite responder à questão “Quem somos enquanto família?” (Crespo, 2011; Crespo et al., 2013; Doherty, 2000; Fiese, 1992; Fiese et al., 1993; Fiese et al., 2002; Fiese, 2006; Spagnola & Fiese, 2007). Podemos, então, considerar a identidade familiar como uma integração da comunicação, compromisso e continuidade dos rituais familiares (Fiese et al., 2006).

Apesar de os rituais familiares serem comuns a todas as famílias, em termos da presença de alguns elementos ou da forma como se organizam, cada família é única. O estabelecimento e cumprimento dos rituais traduzem a singularidade da família, contribuindo para a formação da sua identidade (Crespo, 2011; Crespo, Kielpikoswoski, Pryor & Jose, 2011; Spagnola & Fiese, 2007). De facto, a interacção entre os membros da família e o modo como interagem durante os rituais familiares traduz a história desta enquanto grupo (Crespo, 2011). Por exemplo, o uso de alcunhas, brincadeiras internas e a forma como se expressam os sentimentos reforçam o papel do indivíduo no grupo e a identidade familiar (Fiese et al., 2006). Mais ainda, os rituais constituem uma oportunidade de confirmação da identificação dos membros da família entre si e uma celebração dessa mesma identidade (Wolin & Bennett, 1984). Assim, os rituais familiares podem constituir-se como um meio de acesso à identidade da família (Wolin & Bennett, 1984), sendo simultaneamente produtores dessa mesma identidade.

Nos últimos vinte anos, os estudos sobre os benefícios dos rituais familiares têm-se solidificado. De particular relevância para este estudo, são os resultados que apontam para uma relação positiva entre o investimento

das famílias nestes eventos e *outcomes* individuais, como a qualidade de vida (QdV) e relacionais, como a qualidade das relações conjugais.

Identificação Familiar

A Psicologia Social, desde o início da década de 70, tem-se debruçado sobre a relevância da identificação com o grupo, de onde derivaram teorias relevantes como a da identificação social (Tajfel & Turner, 1986). Esta postula que em vários contextos sociais as pessoas definem o seu sentido de *self* pelo facto de serem membros de um determinado grupo, internalizando as características desse grupo como aspectos do seu auto-conceito (Haslam, Jetten, Postmes & Haslam, 2009; Turner, 2010). Deste modo, quando os indivíduos se referem a grupos importantes na sua vida, como a família, não encaram os seus membros como “eles”, mas sim como “nós”, na medida em que fornecem segurança, oportunidades de construção de um vínculo emocional e um contexto para que a aprendizagem mútua ocorra (Haslam et al., 2009; Hogg & Abrams, 1995).

Para o sentimento de pertença a um determinado grupo é relevante a resposta à questão “Quem sou eu?”, sendo relevante o modo como os indivíduos se percebem a si próprios. Todavia, o auto-conceito passa também por comparações sociais com outros membros do grupo e, sobretudo, por comparações com outros grupos que permitem que diferenciem o seu grupo dos outros, em termos de características positivas (Turner, 2010). Deste modo, os grupos a que os indivíduos pertencem e, conseqüentemente, com os quais se identificam, contribuem para que se sintam especiais e valorizados, o que se traduz num efeito positivo na sua auto-estima e auto-eficácia. Assim, a identificação social tem um impacto positivo no *stress* percebido, uma vez que o apoio fornecido pelos membros do grupo funciona como um “amortecedor” quando o bem-estar é ameaçado por acontecimentos indutores de *stress* (Haslam, O’Brien, Jetten, Vormedal & Penne, 2005; Haslam et al., 2009).

Sendo o sentimento de pertença tão importante para o desenvolvimento do ser humano torna-se essencial estudar a identificação relativamente ao primeiro grupo que os indivíduos integram desde o momento do nascimento, a família. Alguns estudos pioneiros indicam que a identificação familiar pode ser um preditor de respostas positivas em situações indutoras de *stress*

(Haslam et al., 2005) assim como de resultados de saúde positivos ao longo do tempo (Sani et al., s.d.).

Qualidade de Vida

A QdV tem sido alvo de interesse na investigação, sobretudo a partir dos anos 80 e 90 (Canavarro, 2010). É entendida como um conceito vasto, que engloba a percepção individual de bem-estar e satisfação com a vida, devendo ser enquadrada num contexto cultural e social específico, bem como nos valores e expectativas pessoais (World Health Organization [WHO], 1995). Deste modo, a definição de QdV é subjectiva, sendo influenciada por um conjunto de factores pessoais e ambientais, tais como a saúde física, estado psicológico, as relações íntimas, a vida familiar, o trabalho, habitação, entre outros aspectos (WHO, 1995; Felce & Perry, 1995 citado em Canavarro, 2010). Vários estudos têm encontrado uma associação positiva entre rituais familiares e QdV (Davis et al., 2009).

A literatura indica que famílias que investem mais nos rituais familiares são mais coesas e satisfeitas (Crespo, 2011), sendo que os rituais mantêm a estabilidade necessária face às exigências do quotidiano (Fiese et al., 2002; Spagnola & Fiese, 2007). Estudos empíricos demonstraram ainda que o investimento nos rituais contribui para a saúde familiar e individual dos seus membros (Kiser, Bennett, Heston & Paavola, 2005). Em particular, dois estudos com jovens com asma mostraram que percepções de significados positivos acerca dos rituais familiares estavam associadas a níveis elevados de QdV, menos problemas emocionais e de comportamento, maior satisfação com a vida em geral e com aspectos relacionados com a saúde, como a promoção da adesão aos tratamentos (Santos, Crespo, Silva & Canavarro, 2012; Spagnola & Fiese, 2007). Outro estudo, com uma amostra não clínica, demonstrou que o investimento dos pais nos rituais familiares contribui para uma visão mais positiva acerca da família e para o bem-estar geral dos filhos (Crespo et al., 2011). Assim, jovens cujas famílias apresentam um maior investimento em actividades com um forte significado simbólico, como é o caso dos rituais familiares, têm um maior sentido de segurança e ligação à sua família, tendem a ter níveis de ajustamento emocional e comportamental superiores, assim como uma percepção mais positiva de bem-estar (Santos et al., 2012). Ainda, os rituais familiares têm

sido associados a melhores resultados escolares em crianças em idade escolar (Fiese et al., 2002) e a menores taxas de perturbações psicológicas (Compañ, Moreno, Ruiz, & Pascual, 2002). A realização de rituais familiares fornece um contexto para promoção de aptidões sociais e emocionais, podendo constituir factores protectores para o desenvolvimento de perturbações emocionais ou do comportamento (Fiese & Wamboldt, 2000).

Qualidade Relacional

A qualidade relacional¹ engloba medidas objectivas e subjectivas do bem-estar do casal, que incluem a satisfação com a relação, níveis individuais de felicidade, frequência de conflitos, violência e dissolução da relação (Hardie & Lucas, 2010). Esta resulta de uma avaliação dos custos e benefícios da relação que vai ao encontro das expectativas relacionais (Dew, 2008). De acordo com Glenn (1998), a qualidade relacional pode ser definida em dois níveis: a avaliação subjectiva que cada membro do casal faz do nível de bem-estar e felicidade da relação; e como uma característica da relação entre os membros do casal, avaliada através de aspectos da interacção relacional. Este estudo foca-se na percepção que cada indivíduo tem da qualidade da sua relação de casal, sendo, portanto, uma medida subjectiva desta.

Existe um vasto corpo empírico que demonstra que a qualidade da relação conjugal, bem como a satisfação conjugal estão associadas a uma série de *outcomes* positivos em termos de adaptação e de bem-estar. A literatura sugere que indivíduos casados experienciam menor sintomatologia depressiva, menores níveis de *stress* e uma maior percepção de bem-estar do que indivíduos não casados (Fagan, 2009; Pateraki & Roussi, 2013). Contudo, a insatisfação com o casamento leva a um risco elevado de depressão, uma vez que o cônjuge pode constituir uma das mais importantes fontes de apoio social (Brown, Andrews, Harris, Adler, & Bridge, 1986 citado em Dush, Taylor, & Kroeger, 2008). Neste sentido, vários estudos referem que os níveis de bem-estar físico e psicológico são mais elevados

¹ De notar que, na literatura, os conceitos satisfação conjugal ou qualidade relacional são, não raras vezes, usados de modo indiferenciado, sendo reportados aqui investigações que utilizam os dois termos. Contudo, para efeitos deste estudo privilegiar-se-á o termo qualidade relacional de acordo com o instrumento utilizado para medir este constructo.

em indivíduos que vivem casamentos satisfeitos e mais baixos em indivíduos que percebem menor qualidade da relação conjugal e em indivíduos divorciados (Pateraki & Roussi, 2013).

Os resultados de uma meta-análise realizada por Proulx, Helms e Buehler (2007), indicam que a satisfação conjugal e o bem-estar psicológico individual estão relacionados positivamente, ou seja, quanto maior for a percepção de satisfação conjugal, maior é o nível de bem-estar psicológico reportado pelos membros do casal. Os resultados deste estudo revelaram ainda que a associação entre a satisfação conjugal e o bem-estar psicológico era moderada pelo sexo – sendo a associação mais forte nas mulheres – e pela duração da relação, sendo que a satisfação conjugal se associava negativamente à duração da relação (Proulx et al., 2007).

Os factores que conduzem à qualidade das relações conjugais são múltiplos e diversos. Ao nível da influência do contexto familiar mais vasto, vários estudos têm concluído que os rituais familiares estão associados a níveis mais elevados de satisfação conjugal. Os indivíduos casados, embora não sejam os únicos elementos da família envolvidos na organização dos rituais familiares, assumem um papel central na organização dos mesmos (Crespo, Davide, Costa & Fletcher, 2008). É nos primeiros anos de formação da família que o casal toma as principais decisões acerca de que rituais familiares vão ser realizados e como, recorrendo às experiências prévias de cada indivíduo na sua família de origem (Crespo, 2012).

Estudos empíricos têm mostrado que o investimento nestes eventos familiares é importante na construção da coesão, de percepções positivas acerca da relação conjugal e de maior proximidade (Fiese et al., 1993; Crespo, et al., 2008). Por exemplo, num estudo cuja amostra incluía indivíduos casados e com filhos bebés ou em idade pré-escolar, encontraram uma associação positiva entre rituais familiares e a satisfação conjugal, sendo esta era mais forte para as mulheres do que para os homens. Os autores indicaram que os rituais familiares podem constituir uma oportunidade de renovação da relação conjugal, durante o período de transição para a parentalidade. Simultaneamente, podem ainda desempenhar um papel importante na negociação de novos papéis e na integração da família de origem (Fiese et al., 1993). Assim, os rituais familiares podem influenciar a relação do casal, fortalecendo-a, quando há

concordância no modo como os rituais podem ser desenvolvidos e se ambos os membros do casal encontrarem significado e satisfação nesses mesmos rituais (Crespo, 2012).

O presente estudo

A importância do investimento em rituais familiares para a promoção da QdV e da qualidade relacional está bem documentada. No entanto, os mecanismos implicados nesta relação ainda não são conhecidos. Do ponto de vista teórico, a relação entre rituais familiares e identidade familiar está estabelecida, porém, não existem estudos que comprovem empiricamente esta conceptualização. Assim, o presente estudo tem como objectivos compreender as associações entre as variáveis (rituais familiares, identificação familiar, QdV e qualidade relacional), bem como examinar um possível mecanismo através do qual os rituais familiares se associam à QdV e à qualidade relacional. Pretende-se especificamente avaliar o papel mediador da variável familiar identificação familiar na relação entre os rituais familiares e a QdV e qualidade relacional em indivíduos casados ou em união de facto. Os resultados obtidos são analisados quer para indivíduos do sexo masculino como do sexo feminino.

Hipóteses. Foram formuladas quatro hipóteses principais:

Hipótese 1. Os rituais familiares estão positivamente associados à identificação familiar, à QdV e à qualidade relacional.

Hipótese 2. A identificação familiar está associada positivamente à QdV e à qualidade relacional.

Hipótese 3. Os rituais familiares estão associados à QdV através da identificação familiar.

Hipótese 4. Os rituais familiares estão associados à qualidade relacional através da identificação familiar.

Método

Participantes

A amostra incluiu 306 participantes, dos quais 137 do sexo masculino e 169 do sexo feminino, casados ou em união de facto. As idades dos homens variaram entre 29 e 69 anos ($M = 42.76$; $DP = 6.37$) e as das mulheres entre os 25 e 66 anos ($M = 39.86$; $DP = 5.58$). Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos indivíduos completaram o ensino secundário (30.6% dos homens e 36.1% das mulheres); 9.7% dos homens e 6% das mulheres completaram o 1º ciclo do ensino básico; 17.2% dos indivíduos do sexo masculino e 9.8% do sexo feminino concluíram o 2º ciclo do ensino básico; 12.7% dos homens e 20.3% das mulheres são licenciados e 5.2% dos homens e 7.5% das mulheres possuem formação pós-graduada.

Relativamente à situação conjugal, a maioria dos indivíduos do sexo feminino (89.3%) e do sexo masculino (87.1%) encontrava-se no primeiro casamento. Na situação de união de facto estavam 10.8% dos participantes masculinos e 9.5% dos participantes femininos. Em situação de recasamento encontravam-se 2.2% dos indivíduos do sexo masculino e 1.2% dos indivíduos do sexo feminino. A tipologia familiar mais comum na amostra foi a de família intacta (95.7% para homens e 95.5% para mulheres), seguida da família de recasamento (2.9% para os homens e 3% para as mulheres) e, por fim, a família mais alargada (1.4% para os indivíduos do género masculino e 1.5% para os do género feminino). A duração da relação variou entre 1 ano e 2 meses e 45 anos e 4 meses, sendo a duração mais frequente entre os 10 e 16 anos ($M = 15.18$; $DP = 6.44$).

Todos os indivíduos recrutados tinham filhos, sendo 44.1% do sexo masculino e 55.9% do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 7 e 16 anos ($M = 10.22$; $DP = 2.06$).

Procedimento

O presente estudo encontra-se integrado no projecto de investigação “Casais-Pais”: Adaptação individual e conjugal de pais de crianças e adolescentes”, com início em 2013, desenvolvido pela linha de investigação Relações, Desenvolvimento & Saúde da Faculdade de Psicologia e de

Ciências da Educação da Universidade Coimbra. Os critérios de inclusão na amostra foram a) participantes adultos, b) casados ou em união de facto, c) com filhos entre os 7 e os 18 anos de idade. No âmbito deste projecto, o recrutamento dos participantes foi realizado em cinco escolas do ensino básico (1º, 2º e 3º ciclos) do distrito de Coimbra e cidade de Pombal no distrito de Leiria, entre Dezembro de 2013 e Fevereiro de 2014. Após submetido e aprovado o pedido de autorização do estudo à Direcção do Agrupamento de Escolas de Coimbra-Sul e à Direcção do Externato Liceal Albergaria dos Doze, em Pombal, foram entregues um total de 886 protocolos de investigação nas escolas aos alunos, com instruções de preenchimento dirigidas aos seus pais. Todos os participantes receberam, incluída nos protocolos de investigação, uma declaração de consentimento informado (cf. Anexo 1) que, após assinada, atestou terem conhecimento dos objectivos e procedimentos do projecto, bem como das garantias de confidencialidade e anonimato da sua participação. Receberam também envelopes onde deveriam colocar os protocolos depois de preenchidos e selá-los, tendo sido estes recolhidos novamente junto dos alunos.

Instrumentos

Questionário de rituais familiares.

Os rituais familiares foram avaliados pelo Questionário de Rituais Familiares (Fiese & Kline, 1993; versão portuguesa: Crespo, Lind, Narciso & Costa, 2004). Este instrumento avalia os rituais familiares em sete contextos: hora de jantar, fins-de-semana, férias, feriados religiosos, tradições culturais e étnicas, comemorações anuais e celebrações especiais. Neste estudo, foram usados 10 itens correspondentes às subescalas hora de jantar e comemorações anuais de acordo com o previsto em outras investigações (e.g., Crespo et al., 2008). As respostas a estes itens apresentam um formato de resposta de escolha forçada. Num primeiro momento, é pedido aos participantes para escolherem, de entre duas, a afirmação que mais se parece com o que tipicamente ocorre na sua família (“Em algumas famílias, as pessoas fazem questão de jantar juntas” ou “Em outras famílias não é assim tão importante as famílias jantarem juntas”) e, de seguida, para optarem se a frase escolhida é *Totalmente verdade* ou *Mais ou*

menos verdade. Este formato permite dar origem a uma escala de *Likert* de quatro pontos, na qual valores mais elevados indicam maior investimento da família nos rituais familiares.

Escalas de identificação familiar.

As Escalas de Identificação Familiar pretendem avaliar em que medida os indivíduos se identificam como elementos de uma família, isto é, a identificação familiar (Sani et al., s.d.). Estas escalas constituem uma medida inovadora, dada a escassez na literatura de estudos acerca desta variável e de instrumentos que permitam a sua avaliação. Assim, consistem numa adaptação das medidas de avaliação da identificação social para o grupo familiar específico. Neste estudo foram utilizadas três escalas de identificação familiar adaptadas por Khan, Crespo e Carona (2013): Item Único de Identificação Familiar ([IUIF]; Postmes, Haslam, & Jans, 2012); Identificação Familiar (Doosje, Ellemers, & Spears, 1995) com quatro itens e Centralidade (Leach, van Zomeren, & Zebel, 2008), constituída por três itens. Para todas as escalas as respostas dos participantes são fornecidas a partir de uma escala de tipo *Likert* de sete pontos (1 – *Discordo totalmente*; 7 – *Concordo totalmente*).

EUROHIS-QOL-8.

Para avaliar a qualidade de vida foi utilizado o EUROHIS-QOL-8 (Power, 2003; Schmidt, Muhlan & Power, 2006; versão portuguesa: Pereira, Melo, Gameiro & Canavarro, 2011). Este instrumento foi desenvolvido a partir do WHOQOL-Bref, com o objectivo de se obter uma medida de avaliação mais breve da QdV. O EUROHIS-QOL-8 fornece um índice global de QdV, incluindo quatro domínios: físico (e.g., “Até que ponto está satisfeito(a) com a sua saúde?”), psicológico (e.g., “Tem energia suficiente para a sua vida diária?”), relações sociais (e.g., “Até que ponto está satisfeito(a) com as suas relações pessoais?”) e ambiente (e.g., “Até que ponto está satisfeito(a) com as condições do lugar em que vive?”). A escala de resposta é de tipo *Likert* de cinco pontos (1 = *Muito insatisfeito/a*; 5 = *Muito satisfeito/a*), sendo que níveis mais elevados correspondem a melhor qualidade de vida.

Inventário de componentes de qualidade relacional percebida.

A qualidade relacional foi avaliada pelo Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida (Fletcher, Simpson, & Thomas, 2000; versão portuguesa: Crespo, Narciso, & Costa, 2004). Este instrumento avalia seis componentes da qualidade relacional percebida: satisfação, compromisso, intimidade, confiança, paixão e amor. É composto por 18 itens, três itens para cada um dos componentes, respondidos numa escala de tipo *Likert* de sete pontos (1 – *Mesmo nada*; 7 – *Extremamente*). Um exemplo dos itens é “Até que ponto está satisfeito com a sua relação?”. Os resultados ao longo das seis dimensões são transformados numa média que produz uma classificação de qualidade relacional percebida. Neste estudo será usada uma versão reduzida para avaliação da qualidade relacional percebida global, que inclui apenas o item mais representativo de cada componente (1, 4, 7, 10, 13 e 16).

Resultados

Análises Descritivas e Correlações

Os Quadros 1 e 2 apresentam as médias, os desvios-padrão, os coeficientes de correlação de Pearson e os valores de alfa de Cronbach para as variáveis em estudo, no que se refere ao sexo feminino e masculino, respectivamente. Os valores de alfa de Cronbach das escalas utilizadas foram .66, .82, .88 e .93, sendo considerados níveis de consistência interna questionável, bom e excelente, respectivamente, de acordo com a classificação de George e Mallery (2003). Para a escala IUIF da identificação familiar não foi calculado o índice de consistência interna uma vez que é constituída por apenas um item.

Com o objectivo de avaliar as diferenças entre homens e mulheres, foram realizadas duas MANOVAs, uma com as variáveis familiares (significado dos rituais familiares e medidas de identificação familiar) e outra com os *outcomes* individuais (QdV) e relacionais (qualidade relacional) como variáveis dependentes, sendo o sexo o factor fixo. A duração da relação foi inserida como covariável. Os resultados revelaram a inexistência de diferenças de sexo nas variáveis em estudo.

Em termos de análises de correlação, no sexo feminino, o significado dos rituais familiares estava positivamente correlacionado com a QdV, qualidade relacional e com a identificação familiar (escalas IUIF, centralidade e identificação familiar). A duração da relação correlacionou-se negativamente com o significado dos rituais familiares.

A identificação familiar correlacionou-se positivamente com a QdV (escalas IUIF, identificação familiar e centralidade) e com a qualidade relacional (escalas IUIF e identificação familiar).

Quadro 1.

Estatísticas Descritivas e Matriz de Intercorrelações entre as Variáveis para o Sexo Feminino

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	M	DP	α
1. Significado dos rituais familiares								3.29	.51	.82
2. Qualidade de Vida	.31**							3.77	.53	.88
3. Qualidade Relacional	.38**	.47**						5.96	1.05	.93
4. Identificação Familiar – IUIF	.37**	.39**	.56**					6.25	.99	-
5. Identificação Familiar	.38**	.41**	.46**	.72**				6.17	.77	.82
6. Identificação Familiar – Centralidade	.20*	.30**	.13	.34**	.48**			5.81	.86	.66
7. Idade	-.13	.07	-.05	.04	-.00	.11				
8. Duração da Relação	-.22**	.02	-.14	-.07	-.12	.05	.74**			

** $p < .01$; * $p < .05$

Por sua vez, relativamente ao sexo masculino, o significado dos rituais familiares correlacionou-se positivamente com a QdV, a qualidade relacional e a identificação familiar (escalas IUIF e identificação familiar). Por outro lado, a duração da relação correlacionou-se de modo negativo com o significado dos rituais familiares. Verificou-se o mesmo para a idade, correlacionando-se negativamente com o significado dos rituais familiares e ainda com a identificação familiar (escalas IUIF e identificação familiar). A identificação familiar estava positivamente correlacionada com a QdV

(escalas IUIF, identificação familiar e centralidade) e com qualidade relacional, (escalas IUIF, identificação familiar e centralidade).

Nos resultados das correlações é de salientar que, nos homens, a correlação positiva entre identificação familiar e qualidade relacional foi significativa para as três escalas da identificação familiar, enquanto nas mulheres o foi apenas para duas escalas (IUIF e identificação familiar). Por outro lado, a associação positiva entre identificação familiar e o significado dos rituais familiares, foi significativa em todas as escalas da identificação familiar para as mulheres e apenas em duas para os homens (IUIF e identificação familiar).

Quadro 2.

Estatísticas Descritivas e Matriz de Intercorrelações entre as Variáveis para o Sexo Masculino

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	M	DP	α
1. Significado dos rituais familiares								3.24	.53	.82
2. Qualidade de Vida	.24**							3.78	.55	.88
3. Qualidade Relacional	.35**	.41**						6.17	.88	.93
4. Identificação Familiar – IUIF	.35**	.29**	.42**					6.26	.86	-
5. Identificação Familiar	.27**	.36**	.44**	.74**				6.19	.72	.82
6. Identificação Familiar – Centralidade	.06	.22*	.25**	.42**	.55**			5.90	.85	.66
7. Idade	-.33**	-.21	-.26	-.29**	-.18*	-.15				
8. Duração da Relação	-.20*	-.13	-.18	-.17	-.15	-.11	.78**			

** $p < .01$; * $p < .05$

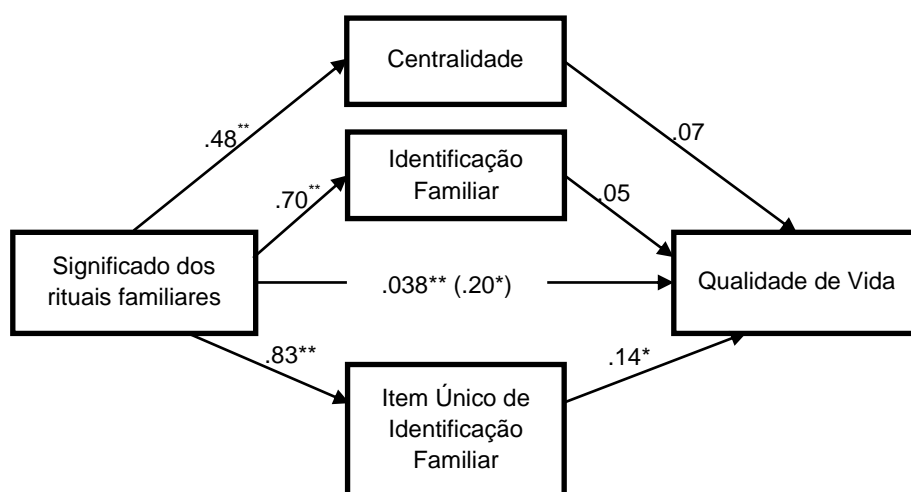
Análises de mediação

As análises de mediação foram realizadas através do teste de efeitos indirectos proposto por Preacher e Hayes (2008). Foi usada a versão do SPSS do macro Indirect de Preacher e Hayes e os dados foram interpretados determinando se os intervalos de confiança com correcção de viés (BCa 95% CI) continham zero. As análises e as estimativas foram baseadas em 1,000 simulações.

Foram testados três modelos de mediação múltipla, separadamente para o sexo feminino e masculino. O significado dos rituais familiares constituiu a variável independente, as três variáveis de identificação familiar (IUIF, identificação familiar e centralidade) foram as variáveis mediadoras e a QdV e a qualidade relacional as variáveis dependentes.

Relativamente aos resultados para a amostra das mulheres, o modelo de mediação foi significativo (*ponto estimado* =.19; *IC* =.08/.36) na associação entre o significado dos rituais familiares e QdV, sendo o R^2 ajustado de .25. Analisando os efeitos mediadores das escalas de identificação familiar na relação entre o significado dos rituais familiares e QdV, o efeito da escala IUIF revelou-se marginalmente significativo (*ponto estimado* =.12; *IC* =-.00/.33) (cf. Figura 1).

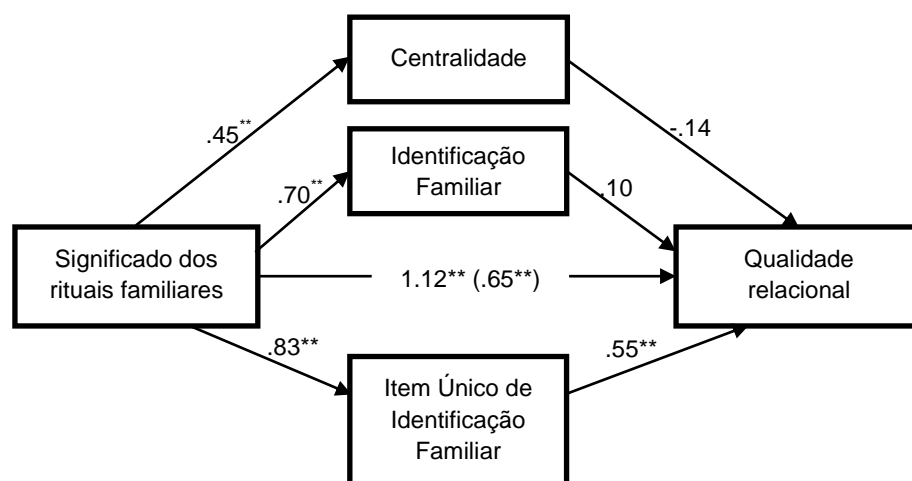
Na relação entre o significado dos rituais familiares e qualidade relacional o modelo de mediação foi também significativo (*ponto estimado* =.46; *IC* =.18/.87), sendo o R^2 de .43. Recorrendo a uma análise das escalas de identificação familiar, apenas o efeito mediador da escala IUIF se revelou significativo (*ponto estimado* =.46; *IC* =.21/.87). Os efeitos mediadores das restantes escalas da identificação familiar na relação entre o significado dos rituais familiares e qualidade relacional não se revelaram significativos (cf. Figura 2).



Nota. Os valores dentro de parênteses indicam o efeito directo da variável independente na variável dependente depois de controlar os mediadores.

* $p < .05$ ** $p < .01$

Figura 1. Modelo dos efeitos mediadores da identificação familiar na relação entre o significado dos rituais familiares e QdV na amostra do sexo feminino.



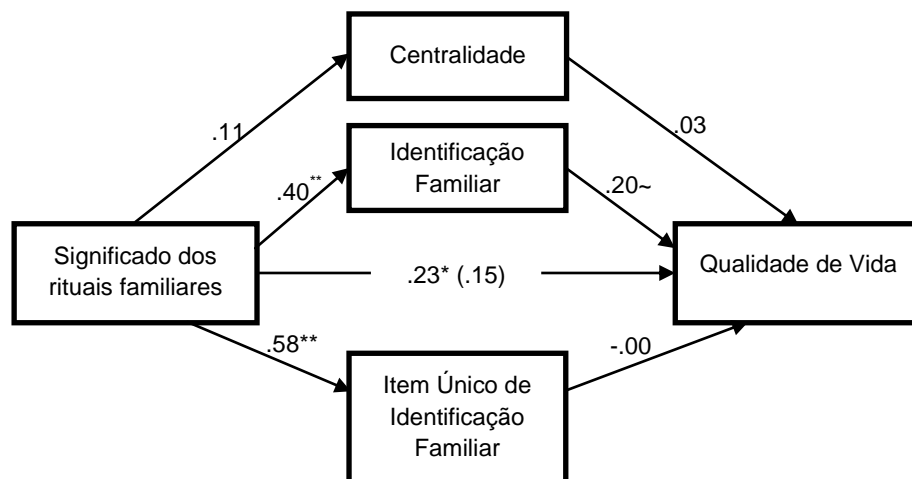
Nota. Os valores dentro de parênteses indicam o efeito directo da variável independente na variável dependente depois de controlar os mediadores.

* $p < .05$ ** $p < .01$

Figura 2. Modelo dos efeitos mediadores da identificação familiar na relação entre o significado dos rituais familiares e qualidade relacional na amostra do sexo feminino.

Relativamente às análises de mediação efectuadas para os homens, o modelo de mediação proposto revelou-se marginalmente significativo na relação entre o significado dos rituais familiares e QdV (*ponto estimado* =.08; *IC* =-.00/.23), sendo o R^2 de .10. Relativamente às escalas da identificação familiar, os resultados mostraram que apenas a escala identificação familiar (*ponto estimado* =.08; *IC* =.01/.24) mediou significativamente esta relação (cf. Figura 3).

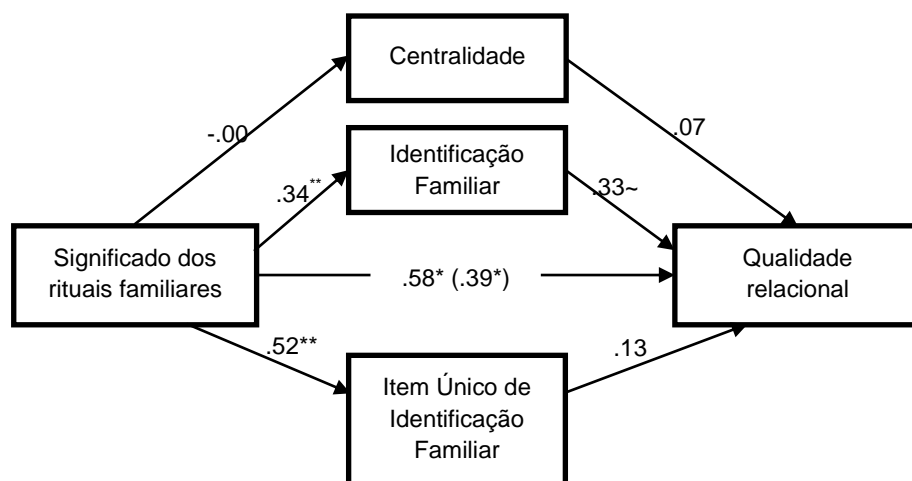
Quanto à relação entre o significado dos rituais familiares e a qualidade relacional, o modelo de mediação através da identificação familiar foi significativo (*ponto estimado* =.18; *IC* =.02/.44), sendo o R^2 ajustado de .22. Analisando as escalas de identificação familiar, o efeito mediador da escala identificação familiar mostrou-se significativo (*ponto estimado* =.11; *IC* =.01/.36), na relação entre o significado dos rituais familiares e qualidade relacional (cf. Figura 4).



Nota. Os valores dentro de parênteses indicam o efeito directo da variável independente na variável dependente depois de controlar os mediadores.

* $p < .05$ ** $p < .01$ ~ $p < .07$

Figura 3. Modelo dos efeitos mediadores da identificação familiar na relação entre o significado dos rituais familiares e QdV na amostra do sexo masculino.



Nota. Os valores dentro de parênteses indicam o efeito directo da variável independente na variável dependente depois de controlar os mediadores.

* $p < .05$ ** $p < .01$ ~ $p < .07$

Figura 4. Modelo dos efeitos mediadores da identificação familiar na relação entre o significado dos rituais familiares e qualidade relacional na amostra do sexo masculino.

Discussão

Os principais objectivos da presente investigação consistiram em examinar as associações entre o significado dos rituais familiares e a QdV e a qualidade relacional numa amostra de indivíduos casados ou em união de facto e verificar se estas associações eram mediadas por variáveis de identificação familiar. As três principais conclusões do estudo foram: (1) percepções de maior significado dos rituais familiares estavam associadas a níveis mais elevados de QdV e de qualidade relacional, quer nos indivíduos do sexo masculino, quer nos do sexo feminino; (2) percepções de maior significado dos rituais familiares estavam associadas a percepções de maior identificação com o grupo familiar, para ambos os sexos e (3) o significado dos rituais familiares estava directa e indirectamente relacionado com a QdV e a qualidade relacional através das percepções individuais de identificação familiar. A única excepção foi a ausência de relação directa entre o significado dos rituais familiares e qualidade de vida nos homens, após a introdução das variáveis de identificação familiar. Note-se ainda que os efeitos indirectos do significado dos rituais familiares na QdV dos participantes de ambos os sexos foram apenas marginalmente significativos. De um modo geral, os resultados obtidos confirmam as hipóteses do estudo.

A Relação entre o Significado dos Rituais Familiares e a Identificação Familiar

Indo ao encontro do que tem sido apontado na literatura, o nosso estudo corrobora a existência de uma relação positiva entre o significado dos rituais familiares e a identificação familiar (Hipótese 1). Os rituais familiares constituem uma oportunidade para transmitir a cultura familiar de geração em geração, fornecendo um sentido de continuidade da própria identidade familiar (Fiese, 2006; Spagnola & Fiese, 2007). As comemorações anuais são oportunidades privilegiadas para a clarificação do estatuto de cada membro na família e reafirmação da sua identidade enquanto grupo familiar (Wolin & Bennett, 1984). Já a hora de jantar é considerada um contexto de definição de papéis e responsabilidades familiares (Bennett, Wolin, & McAvity, 1988). Como referem Bennett, Wolin e McAvity (1988), através dos rituais as famílias mostram e afirmam “esta é a forma como nós,

enquanto grupo, fazemos as coisas” (Bennett, et al., 1988, p. 216). De igual modo, os resultados mostraram uma associação positiva entre o significado dos rituais familiares e QdV e qualidade relacional. Vários estudos têm demonstrado que o investimento nos rituais familiares se relaciona com uma maior satisfação com a vida, quer para a família como para os seus membros individualmente (Crespo, 2011; Kiser et al., 2005). Um estudo com famílias não clínicas e clínicas, demonstrou a existência de um maior nível de ritualização nas famílias não clínicas, sugerindo que um maior investimento nos rituais familiares pode constituir-se como um factor que contribui para uma boa adaptação familiar e individual (Kiser et al., 2005). Relativamente à associação entre o significado dos rituais e a qualidade da relação conjugal, esta pode ser explicada pelo facto de ser o casal a assumir um papel central no planeamento dos rituais familiares (Crespo, 2012). Outros estudos referiram que o investimento nos rituais familiares pode levar a uma maior proximidade, coesão, percepções positivas acerca da relação, o que, por sua vez, conduz a um fortalecimento da relação conjugal (Crespo et al., 2008; Crespo, 2012; Fiese et al., 1993).

Identificação Familiar: Associações com a QdV e Qualidade Relacional

De acordo com a segunda hipótese colocada, os resultados mostraram também uma associação positiva entre identificação familiar e QdV e qualidade relacional (Hipótese 2). Os dados acerca destas relações são ainda escassos na literatura, pelo que será importante que estudos futuros se debrucem sobre estas. Todavia, relativamente à associação com a QdV, apesar de não ser possível generalizar conclusões, adianta-se a hipótese de que uma percepção positiva de identificação com a família poderá influenciar o modo como os indivíduos percebem o apoio e suporte por parte dos outros elementos da família. A identificação com o grupo familiar pode constituir um importante factor que contribui para a satisfação com a vida familiar. Esta satisfação poderá então relacionar-se com um bem-estar individual noutros domínios, através do suporte social percebido.

Relativamente à associação entre identificação familiar e qualidade relacional, uma das funções do casal consiste na criação da sua própria identidade familiar, integrando as experiências prévias de cada um na família

de origem (Bennett et al., 1988; Crespo, 2012). Além disso, casais que não consigam estabelecer com sucesso este sentido de identidade comum nas primeiras fases da relação conjugal podem deparar-se com dificuldades acrescidas em fases mais avançadas, como a percepção de diferenças incompatíveis, levando a insatisfação com a relação (Bennett et al., 1988). Assim, é esperado que uma maior percepção de identificação com o grupo familiar por cada membro do casal contribua para níveis percebidos de qualidade relacional superiores.

Será ainda importante discutir alguns resultados encontrados relativamente à idade e à duração da relação. Em ambos os sexos verificou-se uma associação negativa entre a duração da relação e o significado dos rituais familiares. Nos homens, verificou-se uma associação negativa entre a idade e significado dos rituais familiares e identificação familiar. Estes dados podem ser explicados pelo facto de no início da relação haver um maior investimento nos rituais familiares, uma vez que é nesta etapa que o casal dá início à tarefa de construir a sua identidade enquanto família, estabelecendo os seus próprios rituais num processo dialéctico de semelhança e diferenciação em relação aos rituais da família de origem. Com o passar do tempo e respectivo aumento da idade e da duração da relação, poderá ser mais valorizada a individualidade ou o investimento noutras áreas de vida, como a carreira profissional ou outros interesses pessoais (Crespo, 2007). Dado que os participantes neste estudo têm filhos entre os sete e 16 anos, aqueles com mais tempo de relação e com filhos adolescentes, comparativamente aos participantes com menos tempo de relação e com filhos mais novos, poderão encontrar-se numa fase da vida familiar de cariz mais centrífugo, ou seja, numa fase em que os membros da família estejam mais direccionados para actividades e vivências em outros contextos para além do familiar.

O Significado dos Rituais Familiares e QdV e Qualidade Relacional: O papel mediador da Identificação Familiar

Os resultados indicaram ainda que a identificação familiar mediou a relação entre o significado dos rituais familiares e QdV (com resultados marginalmente significativos) e qualidade relacional (Hipóteses 3 e 4). Estes resultados contribuem para a clarificação dos processos através dos quais os

rituais familiares se associam a *outcomes* de adaptação individuais. Quando o indivíduo percebe um maior investimento e significado atribuído à prática de rituais familiares, o sentido de identificação com a família é fortalecido, o que, por sua vez, conduz a uma melhor QdV e níveis mais elevados de qualidade relacional. Estes resultados foram semelhantes quer para os indivíduos do sexo masculino, quer para os do sexo feminino, o que é indicador da estabilidade dos dados, independentemente do sexo. De acordo com a literatura, os rituais familiares desempenham um papel fundamental, fornecendo ocasiões especiais onde a identidade familiar é reafirmada e promovida. Ao mesmo tempo, a identificação com o grupo familiar promove também o investimento emocional e um sentido de segurança (Fiese, 1992). Assim, o fortalecimento do sentido de pertença conduz a percepções de maior ligação emocional entre os membros da família, que são encarados como fontes de apoio e suporte. No que toca especificamente ao casal, o investimento conjunto nos rituais familiares poderá ser importante para fortalecer o “sentido de equipa” e o “sentido do nós” (Crespo, 2007, p. 378), reforçando a identificação familiar e aumentando, simultaneamente, os níveis percebidos de qualidade relacional.

Salienta-se ainda que, para além da relação indirecta, o significado dos rituais familiares apresentou uma relação directa com a QdV e a qualidade relacional, com uma excepção (rituais familiares e QdV nos homens). Estes dados confirmam estudos anteriores sobre a relevância dos rituais familiares para o bem-estar e saúde individual e conjugal; o investimento familiar nos rituais promove estes resultados positivos de adaptação não só pela via de mecanismos relevantes no contexto familiar como a identificação, mas também através de uma influência directa significativa. Partindo do princípio de que as mulheres são mais dirigidas para as relações e estão mais envolvidas na realização dos rituais familiares (Fiese & Tomcho, 2001), coloca-se a hipótese de que estes eventos tenham uma maior influência nas suas vidas em geral, contribuindo mais fortemente para a sua QdV, quando comparadas com os homens.

Por último, é de referir que os efeitos indirectos do significado dos rituais familiares revelaram-se mais sólidos para a qualidade relacional do que para a QdV. Uma explicação possível prende-se com o facto de existir uma marcada interinfluência entre o sistema familiar e o subsistema

conjugal. O desenvolvimento e adaptação individual devem ser compreendidos à luz da integração do indivíduo em vários sistemas (Crespo, 2012). Por exemplo, quando indivíduos com padrões de vinculação segura formam um casal é de esperar que promovam interações familiares positivas, tendo impacto no subsistema parental e filial, conduzindo a uma maior coesão na família como um todo (Crespo, 2012; Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002). Os rituais familiares, sendo um palco privilegiado de interações familiares, constituem oportunidades de aprendizagem acerca das relações entre os membros da família, nomeadamente entre o casal (Crespo, 2012). Deste modo, é de esperar que o investimento e significado atribuído a estes eventos exerça uma maior influência na percepção da qualidade relacional.

Limitações e Directrizes Futuras

A principal limitação do estudo consiste na sua natureza transversal, o que não permitiu concluir acerca de uma relação de causalidade entre as variáveis. Apesar de a construção de hipóteses sobre a relação entre rituais familiares e identificação familiar neste estudo ter sido guiada pela teoria, esta relação pode ter um carácter bidireccional. O sentimento de pertença ao grupo família pode conduzir a um maior investimento nos rituais familiares e este, por sua vez, pode influenciar e fortalecer a identificação com a família. Adicionalmente, apesar de o modelo de mediação proposto ter recebido suporte empírico, não podemos descartar a hipótese de uma terceira variável de cariz mais abrangente poder explicar as associações entre rituais familiares, identificação familiar e QdV e qualidade relacional.

Por outro lado, devem ainda ser tidas em consideração algumas salvaguardas relativamente à amostra. O tamanho da amostra e, em especial, o número mais reduzido de homens comparativamente com o das mulheres, pode ter influenciado os resultados, especificamente, os resultados marginalmente significativos encontrados para o efeito dos rituais familiares na QdV via identificação familiar. É de referir ainda que a amostra foi recolhida apenas na região Centro de Portugal, o que impede a generalização dos resultados obtidos. Nomeadamente, ao nível dos rituais familiares, a diferença regional e, mais especificamente, a diferença entre os contextos

rural e urbano são elementos importantes a ter em conta em estudos sobre esta temática.

Por fim reporta-se ainda a ausência de um instrumento de avaliação específico para a identificação familiar, tendo sido utilizada neste estudo uma adaptação de outras medidas já existentes para medir a identificação com o grupo. Contudo, esta limitação pode também consistir num ponto forte deste estudo, sendo importante poder comparar os resultados da identificação com a família com os resultados da identificação com outros grupos como o grupo de pares, grupo étnico, grupo de nacionalidade, entre outros. Neste sentido, dada a escassez de dados acerca deste constructo, a presente investigação pode constituir um ponto de partida para futuros estudos. Mais ainda, investigações com um desenho de cariz longitudinal que permitissem esclarecer acerca das relações de causalidade entre as variáveis em estudo, assim como a inclusão do estudo do casal acrescentariam importantes contributos para este domínio do conhecimento científico.

Conclusão

O presente estudo enquadra-se no corpo sólido de evidência que atesta a importância do funcionamento familiar para a adaptação individual. O principal objectivo foi examinar o papel da identificação familiar como mediador da relação entre significado dos rituais familiares e percepção subjectiva da QdV e qualidade relacional, numa amostra de indivíduos adultos portugueses, casados ou em união de facto. Os resultados mostraram uma associação positiva entre rituais familiares, QdV e qualidade relacional, contribuindo para o corpo empírico já existente que refere os rituais familiares como um importante recurso de desenvolvimento e promoção de *outcomes* positivos de adaptação individuais. Adicionalmente, este estudo permitiu identificar um novo mecanismo, identificação familiar, e um processo através do qual os rituais familiares exercem a sua influência: quando os indivíduos investem mais na realização de rituais familiares, as percepções subjectivas de identificação familiar são superiores, o que leva a níveis mais elevados de QdV e de qualidade relacional.

De acordo com os objectivos que foram propostos, consideramos que a pertinência deste trabalho se revela a vários níveis. Em primeiro lugar, não temos conhecimento de outros estudos que tenham considerado a identificação familiar como variável através da qual os rituais familiares exercem influência na adaptação individual e conjugal. Além do contributo para o esclarecimento dos mecanismos através dos quais ocorrem estas relações, este estudo é pioneiro na introdução desta variável de cariz familiar. Em segundo lugar, verificámos que os rituais familiares estão associados a uma percepção positiva de identificação familiar, o que por sua vez, conduz a percepções mais elevadas de QdV e de qualidade relacional. Este resultado permite-nos concluir acerca da importância deste estudo no que diz respeito a implicações terapêuticas, nomeadamente, a relevância do contexto familiar para as percepções de adaptação individual e conjugal e a necessidade de intervir ao nível familiar desses contextos. Os rituais familiares são um recurso natural e transversal a todas as famílias, fazendo parte do seu quotidiano e da história familiar (Fiese, 2006). Deste modo, permitem ao terapeuta ter acesso ao funcionamento da família e comunicar em termos que todos os membros da família entendem (Bennett et al., 1988; Fiese, 2006); mais ainda, os rituais familiares não são estáticos (Fiese, 2006), podendo ser modificados e adaptados às circunstâncias do contexto familiar, tornando-se um alvo de intervenção privilegiado. Em relação às percepções individuais de qualidade relacional/conjugal, os rituais familiares podem ser usados para explorar as dificuldades que possam surgir na transição da família de origem para a formação da nova família, sendo cruciais no estabelecimento da identidade desta última (Bennett et al., 1988).

Actualmente, no contexto da sociedade ocidental e, especificamente em Portugal, os momentos em família parecem revestir-se de uma importância não superior relativamente ao passado, mas diferente. As famílias têm muitas vezes de lidar com a deslocação geográfica de alguns membros, como é o caso dos filhos que saem de casa para estudar noutras cidades ou países ou até de um dos membros do casal, devido a exigências da actividade profissional. Por outro lado, a configuração laboral mais comum é o emprego de ambos os cônjuges. Estas circunstâncias reforçam a importância de se realizarem eventos especiais, como é o caso dos rituais familiares, que constituem oportunidades, muitas vezes únicas, para que a

família se possa reunir, partilhar experiências, afectos e tempo. Sendo a família o grupo de pertença por excelência, o nosso estudo alerta para o facto de a satisfação com a vida familiar poder conduzir a resultados positivos noutras áreas de vida do indivíduo. Assim, os rituais familiares como promotores do sentimento de pertença ao grupo, da identidade familiar e do próprio bem-estar nas relações interpessoais, assumem especial relevância na promoção de melhor QdV e de melhor qualidade das relações conjugais.

Nota: Este trabalho não foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

Referências

- Bennett, L. A., Wolin, S. & McAvity, K. J. (1988). Family identity, ritual and myth: A cultural perspective on life cycle transitions. In Falicov, C. (Ed.), *Family transitions: Continuity and change over the life cycle* (pp.211-234). New York: The Guilford Press.
- Canavarro, M.C. (2010). Qualidade de vida: Significados e níveis de análise. In M.C. Canavarro & A. Vaz Serra (Coords). *Qualidade de vida e saúde: Uma abordagem na perspectiva da Organização Mundial de Saúde*. (pp. 3-22). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Compañ, E., Moreno, J., Ruiz, M. T., & Pascual, E. (2002). Doing things together: Adolescent health and family rituals. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 56, 89-94. doi:10.1136/jech.56.2.89
- Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: Paisagens inter-sistémicas*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Crespo, C. (2011). "À mesa com as famílias": Rituais familiares ao longo do ciclo de vida. In P. Matos, C. Duarte, & M. Costa (Eds.), *Famílias: Questões de desenvolvimento e intervenção* (pp. 81-102). Porto: LivPsic.
- Crespo, C. (2012). Families as contexts for attachment: Reflections on theory, research, and the role of family rituals. *Journal of Family Theory & Review*, 4, 290-298. doi:10.1111/j.1756-2589.2012.00136.x
- Crespo, C., Davide, I., Costa, M., & Fletcher, G. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15, 191–203. doi: 10.1111/j.1475-6811.2008.00193.x
- Crespo, C., Kielpikoswoski, M., Pryor, J. & Jose, P.E. (2011). Family rituals in New Zealand Families: Links to family cohesion and adolescents' well-being. *Journal of Family Psychology*, 25, 184-193. doi: 10.1037/a0023113
- Crespo, C., Santos, S., Canavarro, M., Kielpikoswoski, M., Pryor, J., & Féres-Carneiro, T. (2013). Family routines and rituals in the context of

- chronic conditions: A review. *International Journal of Psychology*, 48, 729 – 746. doi:10.1080/00207594.2013.806811
- Crosbie-Burnett, M. & Klein, M.D. (2009). The fascinating story of family theories. In J.H. Bray & M. Stanton (Eds.). *The Wiley-Blackwell Handbook of Family Psychology* (cap.3). Oxford: Wiley and Sons.
- Davis, E., Shelly, A., Waters, E., Mackinnon, A., Reddihough, D., Boyd, R. & Graham, K. (2009). Quality of life of adolescents with cerebral palsy: Perspectives of adolescents and parents. *Developmental Medicine and Child Neurology*, 51, 193-199. doi: 10.1111/j.1469-8749.2008.03194.x
- Dew, J. (2008). Debt change and marital satisfaction change. *Family Relations*, 57, 60-71. doi: 10.1111/j.1741-3729.2007.00483.x
- Doherty, W. (2000). *Intentional marriage: Your rituals will set you free* (comunicação) [on-line]. Denver, Colorado. Acedido a Novembro, 6, 2013 em <http://www.smartmarriages.com/intentionalmarriage.html>
- Doosje, B., Ellemers, N., & Spears, R. (1995). Perceived intragroup variability as a function of group status and identification. *Journal of Experimental and Social Psychology*, 31, 410-436.
- Dubas, J.S. & Gerris, J.R. (2002). Longitudinal changes in the time parents spend in activities with their adolescent children as a function of child age, pubertal status, and gender. *Journal of Family Psychology*, 16, 415-427. doi: 10.1037/0893-3200.16.4.415
- Dush, C., Taylor, M., & Kroeger, R. (2008). Marital happiness and psychological well-Being across the life course. *Family Relations*, 57, 211-226. doi:10.1111/j.1741-3729.2008.00495.x
- Fagan, J. (2009). Relationship quality and changes in depressive symptoms among urban, married african americans, hispanics, and whites. *Family Relations*, 58, 259-274. doi: 10.1111/j.1741-3729.2009.00551.x
- Fiese, B.H. (1992). Dimensions of family rituals across two generations: Relation to adolescent identity. *Family Process*, 31, 151-162. doi:10.1111/j.1545-5300.1992.00151.x
- Fiese, B. H. (2006). *Family routines and rituals*. New Haven, CT: Yale University Press.

- Fiese, B.H. (2007). Routines and rituals: opportunities for participation in family health. *Occupation, Participation and Health*, 27, 41-49.
- Fiese, B.H., Foley, K.P. & Spagnola, M. (2006). Routine and ritual elements in family mealtimes: Contexts for child well-being and family identity. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 111. doi: 10.1002/cad.155
- Fiese, B., Hooker, K., Kotary L. & Schwagler, J. (1993). Family rituals in the early stages of parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 55, 633-642.
- Fiese, B. & Kline, C. (1993). Development of the family ritual questionnaire: Initial reliability and validation studies. *Journal of Family Psychology*, 3, 290-299.
- Fiese, B. & Tomcho, T. (2001). Finding meaning in religious practices: The relation between religious holiday rituals and marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 15, 597-609. doi: 10.1037//0893-3200.15.4.597
- Fiese, B., Tomcho, T., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology*, 16, 381–390. doi:10.1037//0893-3200.16.4.381
- Fiese, B. H., & Wamboldt, F. S. (2000). Family routines, rituals, and asthma management: A proposal for family-based strategies to increase treatment adherence. *Families, Systems, & Health*, 18, 405-418. doi:10.1037/h0091864
- Fiese, B. & Winter, M. (2009). Family stories and rituals. In J.H. Bray, & M. Stanton (Eds.). *The Wiley-Blackwell Handbook of Family Psychology* (cap.44). Oxford: Wiley and Sons.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 340-354.
- Glenn, N. D. (1998). The course of marital success and failure in five american 10-year marriage cohorts. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 569-576.

- Hardie, J., & Lucas, A. (2010). Economic factors and relationship quality among young couples: Comparing cohabitation and marriage. *Journal of Marriage and Family*, *72*, 1141-1154. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00755.x
- Haslam, A., Jetten, J., Postmes, T., & Haslam, C. (2009). Social identity, health and well-Being: An emerging agenda for Applied Psychology. *Applied Psychology: An International Review*, *58*, 1-23. doi: 10.1111/j.1464-0597.2008.00379.x
- Haslam, A., O'Brien, A., Jetten, J., Vormedal, K., & Penne, S. (2005). Taking the strain: Social identity, social support and the experience of stress. *British Journal of Social Psychology*, *44*, 355-370. doi:10.1348/014466605X37468
- Haugland, B. (2005). Recurrent disruptions of rituals and routines in families with paternal alcohol abuse. *Family Relations*, *54*, 225-241. doi: 10.1111/j.0197-6664.2005.00018.x
- Hogg, M.A. & Abrams, D. (1995). The social identity approach: Context and content (cap.2). In M.A. Hoog & D. Abrams (Eds.) *Social identifications: A Social Psychology of intergroup relations and group processes*. London: Routledge.
- Imber-Black, E. (2002). Family rituals—from research to the consulting room and back again: Comment on the special section. *Journal of Family Psychology*, *16*, 445-446. doi: 10.1037//0893-3200.16.4.445
- Kiser, L.J., Bennett, L., Heston, J. & Paavola, M. (2005). Family ritual and routine: Comparison of clinical and non-clinical families. *Journal of Child and Family Studies*, *14*, 357-372. doi: 10.1007/s10826-005-6848-0
- Leach, C. W., van Zomeren, M., & Zebel, S. (2008). Group-level self-definition and self-investment: A hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, *95*, 144-165.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P., & Cowan, C. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, *41*, 405–434. doi: 10.1111/j.1545-5300.2002.41309.x

- Pateraki, E. & Roussi, P. (2013). Marital quality and well-being: The role of gender, marital duration, social support and cultural context. In A. Efklides & D. Moraitou (Eds.), *A Positive Psychology perspective on quality of life* (cap. 8). New York: Springer.
- Pereira, M., Melo, C., Gameiro, S. & Canavarro, M.C. (2011). Estudos psicométricos da versão em português europeu do índice de qualidade de vida EUROHIS-QOL-8. *Laboratório de Psicologia*, 9, 109-123.
- Postmes, T., Haslam, S.A., Jans, L. (2012). A single-item measure of social identification: Reliability, validity, and utility. *British Journal of Social Psychology*, 52, 597-617. doi: 10.1111/bjso.12006
- Proulx, C.M., Helms, H.M. & Buehler, C. (2007). Marital quality and personal well-being: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, 69, 576-593. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00393.x
- Roberts, J. (1988). Ritual themes in families and family therapy. In Imber-Black, E., Roberts, J. & Whiting, R. (Eds.), *Rituals in Families and Family Therapy* (pp.3- 46). New York: Norton.
- Ruiz, D. (2005). *Family routines and rituals and the parent-child relationship*. (Tese de Doutoramento). Texas Woman's University, Texas, USA.
- Sani, F., Herrera, M., Wakefield, J., & Kahn, S. (s.d.). *Greater family identification - but not greater contact with family members - leads to better health: Evidence from a longitudinal study*. Manuscrito submetido para publicação.
- Santos, S., Crespo, C., Silva, N., & Canavarro, M. (2012). Quality of life and adjustment in youths with asthma: The contributions of family rituals and the family environment. *Family Process*, 51, 557-569. doi:10.1111/j.1545-5300.2012.01416.x
- Schmidt, S., Muhlan, H. & Power, Mick. (2005). The EUROHIS-QOL 8-item index: Psychometric results of a cross-cultural field study. *European Journal of Public Health*, 16, 420-428. doi:10.1093/eurpub/cki155
- Schmidt, S. & Power, M. (2006). Cross-cultural analyses of determinants of quality of life and mental health: Results from the eurohis study. *Social Indicators Research*, 77, 95-138. doi: 10.1007/s11205-005-5555-y

- Spagnola, M & Fiese, B.H. (2007). Family routines and rituals: A context for development in the lives of young children. *Infants and Young Children, 20*, 284-299.
- Tajfel, H. & Turner, J.C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W.G. Austin (Eds). *Psychology of intergroup relations* (pp. 7-24). Chicago: Nelson Hall.
- Turner, J.C. (2010). Toward a cognitive redefinition of the social group. In H. Tajfel (Ed.). *Social identity and intergroup relations* (pp.15-36). New York: Cambridge University Press.
- World Health Organization. (1995). The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. *Social Science and Medicine, 41*, 1403- 1409. doi:10.1016/0277-9536(95)00112-K
- Wolin, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family rituals. *Family Process, 23*, 401-420. doi:10.1111/j.1545-5300.1984.00401.x

Anexo

Anexo 1. Consentimento Informado

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

“Casais-Pais”: Adaptação individual e conjugal de pais de crianças e adolescentes

Objetivo Geral: Esta investigação pretende compreender a adaptação e o bem-estar individual e conjugal de pais de crianças em idade escolar e adolescentes. Com este projeto pretende-se recolher informação que possa, futuramente, contribuir para uma melhoria da intervenção junto das famílias por parte dos profissionais de saúde e de instituições de apoio.

Instituição: Este é um projeto de investigação com sede na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC). A responsabilidade do tratamento dos dados é da exclusiva responsabilidade dos investigadores envolvidos.

Papel dos Participantes: A sua colaboração neste projeto consiste no preenchimento de questionários de resposta individual. Do mesmo modo, também será solicitado ao(à) seu(sua) cônjuge que responda, de forma independente, a um conjunto de questionários iguais aos seus. **É da máxima importância que respondam individualmente ao questionário;** só assim a investigação poderá atingir os seus objetivos. Caso não se encontre numa relação, por favor responda a todas as questões, à exceção das que se referem à relação de casal. Todos os questionários e fichas de dados serão identificados por um código e os dados serão tratados apenas coletivamente, de forma a garantir, em todos os momentos, o anonimato dos participantes. **Em qualquer momento e por qualquer motivo** (inclusive se sentir a sua privacidade invadida) **pode negar-se a responder a uma qualquer pergunta** (sem ter de te justificar) e/ou **pode desistir de colaborar neste projeto**.

Papel dos Investigadores: Os investigadores deste projeto comprometem-se a: garantir total confidencialidade sobre os dados que forem fornecidos pelos participantes; utilizar os dados fornecidos pelos participantes somente para fins de investigação (os resultados têm unicamente valor coletivo).

Consentimento Informado:

Eu, _____, declaro ter consciência dos objetivos e procedimentos do presente projeto, bem como do meu papel enquanto participante neste estudo.

_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura: _____

Coordenadores do projeto: Doutora Carla Crespo (carlacrespo@fpce.uc.pt)
Doutor Carlos Carona (carona.carlos@gmail.com)
Professora Doutora Maria Cristina Canavarro (mccanavarro@fpce.uc.pt)